

A ALTERNÂNCIA DO ITEM LEXICAL “CACETE” COMO EXPRESSÃO RETÓRICA

Taís Briani Felipe^{*}
Clarice Nadir von Borstel^{**}

RESUMO: Este estudo apresenta, a partir de conceitos de identidade e de diversidade linguística, o resultado de uma observação, fundamentada teoricamente na etnografia da comunicação (aperfeiçoada na microetnografia) com um falante de língua portuguesa de 26 anos, natural da capital de São Paulo, residente na cidade de Cascavel, PR. Sob a perspectiva da sociolinguística interacional, apresenta-se como foi observado o vernáculo do falante para poder perceber os traços idiossincráticos nas interações comunicativas do mesmo. De acordo com a observação *in loco* foi percebida a repetição do item lexical “cacete”, e, buscou-se entender qual era o sentido desse léxico quando utilizado pelo falante. Nessa análise, parte-se da explicação do próprio observado/entrevistado, que o termo não é utilizado com conotação vulgar como inicialmente parecia, e sim, significando uma expressão retórica do termo “etc”. Conclui-se que essa expressão retórica “cacete” é utilizada pelo falante no seu dia a dia, assim como se manifesta em seu vernáculo através da oralidade presente no discurso paulistano de jovens.

PALAVRAS-CHAVES: Sociolinguística; Léxico; Identidade.

ABSTRACT: This study presents, from the concepts of identity and linguistic diversity, the results of an observation theoretically based on the ethnography of communication (improved by the micro-ethnography) with a 26 year-old Portuguese speaker who was born in capital of São Paulo state and who lives in Cascavel, PR. On the perspective of the interactional sociolinguistics, we present how the speaker’s vernacular was observed in order to notice the idiosyncrasies in his communicative interactions. According to this *in loco* observation, the repetition of the lexical item “cacete” was noticed and we sought to understand its meaning when used by the speaker. In this analysis, we start from the observed/interviewee’s own explanation that the term is not used with a rude connotation as it initially seemed but as a rhetorical expression of the term “etc”. We can conclude that this rhetorical expression “cacete” is usually used by the speaker and it is also manifested in his vernacular through the oral expression present in the discourse of middle class youngsters from São Paulo.

KEYWORDS: Sociolinguistics; Lexicon; Identity.

INTRODUÇÃO

Objetiva-se apresentar um estudo de caso, em que a fundamentação teórica manifesta-se principalmente, na etnografia da comunicação

^{*} Aluna do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Clarice Nadir von Borstel.

^{**} Professora do Curso de Letras e do Programa de Mestrado em Letras da Unioeste

(aperfeiçoada na microetnografia) e nos estudos da sociolinguística interacional.

De acordo com Gumperz,

o trabalho inicial da etnografia da comunicação era basicamente descritivo em sua natureza e lidava com sociedades simples e culturas populares. A noção de competência comunicativa foi desenvolvida para aprofundar a resposta teórica às complexidades e a variedade de opções comunicativas que os falantes utilizam para assinalar o que pretende transmitir. (GUMPERZ, 1991, p. 69).

A noção de competência comunicativa referenciada por Hymes (1967) é central nesse estudo. Essa noção foi proposta para explicar a variabilidade utilizada nos ambientes sociais rotineiros, quando os falantes e ouvintes dependem de um conhecimento que vai além da fonologia, léxico e da estrutura gramatical abstrata. Normalmente, o uso da linguagem é manifestado pelos fatores sociais, culturais e de normas específicas de contexto, que restringem tanto a escolha das opções comunicativas quanto à interpretação do que é dito em uma interação em um dado grupo de falantes.

Essa observação *in loco* é realizada no contexto familiar e de amizade de um pequeno grupo, na cidade de Cascavel no dia 23 de julho de 2009. Essa pesquisa microetnográfica pode ser considerada um estudo de caso, “um exemplo único de pessoas reais em situações reais, capacitando os leitores a entenderem as ideias mais claramente do que entenderiam simplesmente pela apresentação de teorias ou princípios abstratos” (COHEN; MANION e MORRISON, 2001, p. 181). Apenas um falante foi observado e apenas um aspecto linguístico de sua interação comunicativa estava sendo investigado: o item lexical “cacete”.

Para Geertz (1989), a observação participante ou trabalho etnográfico é um recurso de acesso ao universo cultural do observado. Para ele, o pesquisador precisa se situar dentro do universo imaginativo em que os atos do grupo a ser pesquisado são determinados. Nas palavras do pesquisador: “situar-nos, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal” (GEERTZ, 1989, p. 23). É a partir da familiarização com o contexto social que o observador será capaz de indicar os significados para o grupo.

Optou-se, portanto, pela observação do entrevistado dentro de uma situação de informalidade, em conversa com amigos, sem que ele estivesse consciente da observação. A pesquisa foi desenvolvida dessa maneira para não intimidar o observado/entrevistado, o qual poderia mudar sua variedade para adequar-se a uma situação que ele consideraria de maior formalidade.

Sendo esse um estudo sociolinguístico interacional, isso é essencial

para uma análise interpretativa, visto que “a abordagem sociolinguística interacional focaliza o jogo de pressuposições linguísticas, contextuais e sociais que interagem para criar condições” (GUMPERZ, 1991, p. 79), em situações reais de variabilidade linguística.

No entanto, após a observação *in loco*, uma breve entrevista foi utilizada a fim de obter do observado a explicação metalinguística para o termo que usou repetidamente, além de obter do falante informações contextuais sobre o uso linguístico, utilizado por ele na interlocução com o grupo de amigos.

Porém, antes de iniciar a análise do item lexical observado, apresenta-se uma breve teorização a respeito de identidade e de estudos de variáveis linguísticas.

A IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DA LINGUAGEM

No passado, muitos indivíduos nasciam, cresciam, casavam-se, tinham seus filhos e chegavam a morrer em um mesmo vilarejo, mantendo em sua socialização um número reduzido de pessoas. Tendo menos informação e formação acadêmica, viviam com simplicidade e tinham desde o nascimento certeza do seu papel naquela comunidade. As mulheres deviam fazer serviços domésticos, aprender trabalhos manuais, criar os filhos; aos homens cabia a manutenção financeira da família e lidar com todos os problemas familiares, sociais, culturais e econômicos.

O desenvolvimento de meios de transportes mais rápidos e mais eficientes, a criação de meios de comunicação em tempo real e a disseminação do capitalismo e da globalização mudaram completamente esse cenário de vida. A convivência com pessoas de outras vilas, cidades, estados e países é possível e inevitável. Ocorre então o hibridismo linguístico, a partir dos movimentos demográficos que permitem hoje o contato entre diferentes culturas, sociedades, línguas.

A partir disso, Mendes diz que:

Numa época de globalizações, isto é, de intensificação dos fluxos econômicos, políticos, culturais e simbólicos a nível mundial, as pessoas e os coletivos vem alargando o leque dos possíveis e dos recursos disponíveis para a elaboração de argumentos que justificam suas identidades e seus processos de identificação. (MENDES, 2002, p. 503).

É necessário entender que Mendes não fala em uma única identidade, e sim em “identidades” que podem ser múltiplas e fragmentadas. Também Woodward (2003, p.31), diz que a “complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades

podem estar em conflito”.

As identidades podem gerar conflitos entre si ou não, elas “constroem-se no e pelo discurso” (MENDES, 2002, p. 506), portanto pode-se dizer que a língua não só faz parte da identidade do indivíduo, mas, sim, como essencial a esse indivíduo. E, assim como temos diferentes identidades, temos diferentes “línguas”, ou melhor, idiosincrasias, dialetos e ou variantes linguísticas que são usados para estar em conformidade com a identidade do indivíduo em um dado contexto sociocultural, histórico e linguístico.

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

O Brasil é considerado um país monolíngue, pois a língua oficial é o português e a vasta maioria da população fala essa língua. No entanto, essa qualificação do país é bastante simplista visto que há comunidades indígenas que têm sua própria língua, há grupos de imigrantes que mantêm a sua língua de origem étnica/cultural e as línguas de fronteiras. Para Cavalcanti, o monolingüismo é um desvio da norma, pois a heterogeneidade está presente mesmo em comunidades monolíngues, visto que “há variedades regionais, sociais e estilísticas dentro do que é considerado uma língua” (CAVALCANTI, 1999, p. 393).

Isso significa que, mesmo dentro de um grupo que fale o português como primeira língua, pode muitas vezes se manifestar na variabilidade linguística do falante quanto ao nível fonológico, morfossintático, lexical, semântico e pragmático na comunicação, quando da coexistência de variáveis linguísticas que ora é tida como distinta de variação estilística, ora é situada num contínuo entre variação rural e urbana (social), ora é uma variação regional, nesses casos, pode-se diferenciar funcionalmente, fazendo com que exista, portanto, idiosincrasias, dialetos e ou variações linguísticas.

O termo dialeto carrega certo preconceito e parece sempre designar uma sub-língua e ou sub-cultura, e, não uma variável da língua padrão, que muitas vezes é desprestigiada pela sociedade. Mas embora algumas pessoas acreditem que a variável padrão é a verdadeira língua, na verdade, “qualquer variedade da língua é tecnicamente um dialeto, até mesmo a variedade padrão culta” (CHALKA, 1996, p. 196).

De acordo com o observado/entrevistado, residente na comunidade de Cascavel, o dialeto e/ou a variedade linguística utilizada é desprestigiada, com relação à variável padrão falada na capital do estado do Paraná ou em relação a cidades de maior porte, como as capitais de São Paulo e Rio de Janeiro.

Contudo, muitas vezes, isso se dá pela posição geográfica da cidade, pois sendo uma cidade do interior, seus moradores já são socialmente estigmatizados, e “uma variedade linguística vale o que valem na sociedade

os seus falantes" (GNERRE, 1987, p.4). Além da questão geolinguística, há traços fonéticos que causam alternâncias fônicas, às quais, embora, não causem nenhum problema de comunicação entre os indivíduos de outros dialetos, são considerados por muitos como "feio" e "caipira", como o uso do fonema consonantal /R/ retroflexo em "porta" ou "carta", por exemplo.

Na própria variante linguística utilizada em Cascavel, existem variações que são prestigiadas e outras não, visto que todos os falantes são plurilíngues, pois "possuem um leque de competências que se estendem entre formas vernaculares e formas veiculares, mas no quadro de um mesmo conjunto de regras linguísticas." (CALVET, 2002, p. 114). Portanto, as enunciações de cada indivíduo carregam idiosincrasias próprias de cada falante.

Levando em conta todos esses fatos de variabilidade, reiteram-se estudos de von Borstel (2004), quando diz que:

No Brasil, há uma diversidade de variações do português e estas variações não são iguais. Por isso quando se discute o 'português' como uma língua monolíngüe e abstrata, devendo-se considerar as suas inúmeras manifestações linguísticas regionais e multilíngües como variações dialetais, pois é isso que ocorre, e, não uma falsa noção de uma "língua comum" no país. (VON BORSTEL, 2004, p. 68).

Muitas vezes a diversidade linguística é enfatizada e buscada no intuito de criar uma identidade de grupo, como pode se verificar na análise a seguir.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO ITEM LEXICAL "CACETE"

Dentro desse contexto foi realizada uma observação participante de um indivíduo do gênero masculino, de 26 anos, nascido e criado na capital de São Paulo, hoje morador de Cascavel, reside na cidade em torno de cinco anos. Essa observação aconteceu em um momento de bastante informalidade, quando o observado interagiu com sua esposa e amigos. O observado é graduado em administração de empresas, estudante de MBA em gestão de negócios e tem um cargo de destaque em uma empresa de Cascavel.

Na observação *in loco* foi percebida a idiosincrasia do falante quando da utilização do item lexical "cacete" na interlocução com o grupo, em vários momentos, durante o evento (encontro de amigos). Ao contrário do que primeiramente possa parecer, o termo não é usado de modo chulo e ou vulgar, apesar de sua conotação estilística. Observe os enunciados em que o falante usa o termo:

(1) Comentando com os amigos uma conversa que teve com o chefe: Daí eu disse *pra* ele que tinha terminado a faculdade, *tava* fazendo Pós e o **cacete**".

(2) Comentando com os amigos sobre os planos para o final de semana: Vamos lá pra Marechal no café colonial. Quero comer bolo, salame e o **cacete**".

(3) Comentando com os amigos a beleza de uma atriz na telenovela: Não dá pra acreditar que ela é bonita assim na vida real. Antes de aparecer na TV, ela fez maquiagem, o cabelo, passou uma massa corrida na cara e o **cacete**". (OP em 23/07/09, Contexto familiar entre amigos).

Ao ser questionado sobre o uso do termo "cacete" o observado/entrevistado diz que a forma desse uso linguístico é para dizer algo como "etc. ou outras coisas". Portanto, para este falante, o termo indica uma indeterminação, ou seja, quando o falante não quer continuar enumerando diversos itens lexicais, usa o termo "cacete" para indicar que haveria um número grande de outras atribuições.

No entanto, ao verificar o vocábulo no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, em nenhum momento ele aparece como sinônimo de "etc.". No dicionário, o vocábulo é designado como:

Cacete 1. pedaço de madeira mais ou menos cilíndrico, ger, mais grosso numa das pontas, us. esp. para desferir pancadas. 2. *p.met.B. infrm.* Golpe com cacete; cacetada < *levar um c.* > 3. *infrm.* ou *tab.* Pênis; caceta. 4. que ou o que provoca tédio, enfado, aborrecimento; maçante. 5. HIP cujo pelo e partes encobertas não apresentam nenhuma mancha ou sinal (diz-se de cavalo). *Interj. B infrm.* ou *tab.* 6. expressa apreensão, lembrança repentina, aborrecimento < *c., esqueci de fazer o dever de casa!* >. (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 352).

Pode-se concluir, então, que a informação semântica do uso deste item lexical nos enunciados dados pelo indivíduo observado, em nada se relaciona com a interpretação pragmática que normalmente é utilizada pelo gênero masculino em uma interação comunicativa entre os seus pares. O falante usa o termo independentemente do significado dicionarizado, constituindo então em uma idiosincrasia do falante, algo peculiar a ele, caracterizando um item lexical não regenciado, como no caso o uso de uma expressão idiomática e ou retórica no final dos enunciados.

Procurou-se, na sequência, entender se este uso idiosincrático faz parte também de certos eventos de fala, questionando o observado/entrevistado sobre o uso do termo no trabalho, na universidade ou com pessoas de mais idade. Sua resposta foi categórica ao afirmar que não usaria esse termo no trabalho ou na universidade porque "acho que as pessoas

não iam gostar disso, acham que é palavrão” e “fica parecendo que a gente é meio burro, não sabe falar direito”. Vê-se, então, nesse ato de fala do observado/entrevistado que ele próprio tem um juízo de valor sobre o uso do termo, e só sente-se à vontade usando esse item lexical com os seus amigos, que não o julgariam pela utilização dessa expressão idiomática e/ou retórica em suas interações comunicativas. Portanto, pode-se dizer que o falante, ao evitar o termo em situações mais formais, reflete a construção de uma identidade mais respeitável no contexto profissional e social.

Dessa forma apresenta-se os estudos de Erickson & Schultz (1989),

para saber o que quer que seja necessário para se comportarem de maneira aceitável frente aos demais membros de uma sociedade, crianças e adultos devem conhecer quais formas de comportamento verbal e não verbal são apropriadas em cada contexto social. (ERICKSON & SHULTZ, 1998, p. 143).

Dentre os fatores sociais que influenciam a alternância da expressão retórica no modo de falar desse indivíduo com pessoas que mantêm um relacionamento de amizade, sempre ocorrerá em um dado evento, em uma dada situação e num dado contexto sociocultural, pois normalmente depende dos participantes da comunicação que através de estratégias de sinalização estabelecem contextos favoráveis à variabilidade comunicativa do falante.

Além disso, questionou-se a origem desse uso, onde o falante tinha ouvido este termo, seria ele próprio de algum grupo ou teria sido usado em um filme ou telenovela? Assim, o observado/entrevistado arrolou que os jovens de classe média paulistana costumam utilizar este item lexical, ou seja, manifesta-se no falar de jovens da capital de São Paulo. Ainda, segundo o falante, nessa cidade esse uso é normal, ou seja, cristalizado. Porém, essa afirmação provocou dúvidas ao pesquisador, teria o termo realmente se cristalizado nesse grupo de falantes jovens na capital de São Paulo, ou teria essa variação desaparecido ou sido substituída por outra expressão retórica, já que o observado/entrevistado não vive na cidade e, portanto, há nove anos que não convive mais com esse grupo. Seria essa uma tentativa de manter-se como parte dessa comunidade imaginada?

A única maneira de saber a resposta para essa pergunta seria através de uma pesquisa etnográfica da fala com um grupo de jovens paulistanos. Enquanto isso, só se pode argumentar com a informação que se tem a partir da pesquisa, supondo que o observado/entrevistado pode perpetuar esse uso, que para o falante é característico de uma comunidade de fala com quem ele se identifica, como maneira de mostrar sua alteridade com relação às outras pessoas com quem ele convive no momento.

Para o observado/entrevistado é indiscutível que a expressão retórica paulistana carrega menos estigma e mais prestígio que na comunidade de fala cascavelense. Portanto, acredita-se que o falar paulistano, em termos fonológicos e lexicais, dá ao falante um *status* sociocultural na sociedade.

Em um ato de fala observado na mesma ocasião, esse deixa transparecer sua própria crença na superioridade de seu *status* sociocultural no grupo entre os amigos, quando fala sobre um representante comercial que havia conhecido, na empresa em que trabalha, dizendo:

Quando eu disse que era de São Paulo, o cara arregalou os olhos e disse: Capital?, e eu disse que sim. Ele olhou pra mim de um jeito diferente, como se eu não fosse igual a essa galera daqui... Eu senti isso... (OP em 23/07/09 - Contexto familiar entre amigos).

Portanto, observando o ato de fala supracitado, e na importância que o falante dá ao fato de ser paulistano, pode-se dizer que o observado mantém traços da oralidade paulistana a fim de deixar bem claro o que ele não é: "ele não é de Cascavel, não fala esta variedade desprestigiada, não nasceu no interior", ou seja, não é "caipira".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desviar a discussão da perspectiva da linguagem enquanto um código homogêneo para uma perspectiva de variabilidade linguística pode-se mudar o foco do olhar de aspectos formais da língua para as práticas idiossincráticas e socioculturais de seus usuários.

Nessa reflexão linguística sobre esse estudo de caso, em que a fundamentação teórica manifestou-se principalmente, na etnografia da comunicação (aperfeiçoada na microetnografia) e nos estudos da sociolinguística interacional de acordo com Gumperz (1991), pautando-se também na conceituação dada sobre competência comunicativa de Hymes (1967) enquanto recursos para a função sócio-comunicativa pretendida pelo observado/entrevistado quando da utilização do item lexical "cacete" como expressão retórica em suas situações enunciativas.

Ainda, segundo estudos de Tarallo (2002, p. 14) "a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade". Assim, toda a manifestação de linguagem é marcada por uma questão social, econômica e identitária do usuário, e nesse estudo o uso do item lexical "cacete" utilizado pelo observado/entrevistado está ligado a seu lugar de origem social, cultural e de identidade de grupo.

REFERÊNCIAS

- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. *Documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada*, v. 15, n. Especial, 1999, p. 365 - 417.
- CHALKA, Elaine. *Language: the social mirror*. New York: Newbury House, 1989.
- COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. *Research Methods in Education*. 5. ed. London: RoutledgeFalmer, 2001.
- ERICKSSON, Frederick; SHULTZ, Jeffrey. "O quando" de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 142-153.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GUMPERZ, John J. *A sociolinguística interacional no estudo da escolarização*. In: COOK-GUMPERZ, Jenny. *A construção social da alfabetização*. Tradução Dayse Batista e Rosa M. H. Silveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 58-82.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S.; FRANCO, Francisco M. de M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HYMES, Dell. On communicative competence. In: PRIDE, J. B. & HOLMES, J. (Eds.). *Sociolinguistics*, Harmondsworth, England: Penguin Books, 1967, p. 269-294.
- MENDES, José Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 503-540.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2002.
- VON BORSTEL, Clarice Nadir. A sociolinguística/pragmática em duas escolas de comunidade de etnia italiana. *Uniletras*. n. 26, 2004, 65-78.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 7-72.